

Locutor: Não se pode falar em educação sem se mencionar o nome deste homem – Paulo Freire.

Paulo nasceu no Recife em 1921. Na sua juventude abandonou a carreira jurídica para se dedicar a uma pedagogia que atendesse aos interesses das classes mais oprimidas. Sua meta era que as pessoas aprendessem a ler não somente as palavras, mas também o mundo. Por essas idéias, Paulo foi considerado subversivo pelo governo militar brasileiro instaurado em 1964, e obrigado a passar dezesseis anos no exílio.

Dois fatos importantes marcaram sua carreira de educador: o casamento com Elza Maria Costa e a experiência de trabalho no SESI – Serviço Social da Indústria, no Recife.

Paulo Freire: Considero isso um marco em minha vida, ao lado, naturalmente, do meu casamento com Elza, minha primeira mulher. Ela foi uma excelente educadora e exerceu sobre mim uma influência indiscutivelmente extraordinária. Às vezes, fico pensando que Elza exerceu mais influência em mim do que eu sobre ela. Não diria que não exerci influência sobre Elza, porque acho que, dificilmente, alguém pode ser influenciado sem influenciar. Quer dizer, isso não existe. Mas, particularmente, acho que ela foi, numa certa forma muito própria de ser silenciosa, incisivamente pedagoga de mim. Teve um papel indiscutível na minha vida durante o longo período em que nós vivemos sem hiatos, durante 42 anos. É um tempão! Um negócio fantástico!

Elza era uma grande educadora que, inclusive, não acreditava que eu fosse outra coisa que não educador mesmo.

Lembro-me de uns sonhos que andei tendo na mocidade como o de ser juiz de direito e fazer carreira e ela me dizia rindo: *Apesar de todo o respeito que eu tenho pela magistratura, acho que você é mesmo um educador.*

Durante muito tempo, muita gente pensou em mim ou falou sobre mim como se eu fosse um especialista em métodos e técnicas de alfabetização de adultos. Gostaria de dizer que, fosse isso verdadeiro, não me sentiria mal. Quando tento explicar melhor, falar da verdade mesma de minha presença na história da educação brasileira, não é que eu ache que ser um especialista em alfabetização de adultos seja inferior. De jeito nenhum! Acho uma coisa de uma importância enorme, mas minha preocupação desde o começo era um pouco mais gulosa do que esta; o que buscava já naquela época, nos anos 50, era uma crítica à educação brasileira e até não só brasileira. Obviamente,

Transcrição - "O educador da Liberdade"

1998

incluía nesta crítica, a crítica ao formalismo mecanicista das práticas da alfabetização de adultos.

Locutor: Da experiência do SESI, Paulo sempre se recorda de uma das primeiras reuniões de pais da qual participou. Um humilde trabalhador, em uma reunião noturna, mostrou-lhe uma face da realidade que ele desconhecia.

Paulo Freire: E ele dizia: *Eu agora, por exemplo, vou fazer umas comparações entre como o doutor vive e como nós vivemos para explicar toda essa questão de bater em filho, de dialogar com filho.* Disse, por exemplo: *Eu não conheço a casa do doutor, onde o doutor mora, mas eu não tenho dúvida nenhuma de que ele mora numa casa solta dos dois lados.* Essa é uma expressão muito nordestina, quer dizer uma casa de oitões livres. Como essa aqui, por exemplo. É livre desse lado, é livre do lado de lá. Solta no terreno. *Então ele deve morar numa casa solta dos dois lados. Deve ter um jardinzinho na frente com uma graminha inglesa.* Aí, diz: *Quantos filhos o senhor tem?* Eu disse – tenho cinco. Nessa altura já estava começando a ficar assim (encolhe-se na cadeira para representar o incômodo). *Tenho três meninas e dois meninos. Tá muito bem; na sua casa deve ter um quarto muito bom pra o senhor e sua mulher. Deve ter dois quartos grandes onde deve dormir as três meninas. Quer dizer, uma, a mais velha, pode dormir num quarto só; no outro dorme as duas e num terceiro quarto dorme os dois meninos... Então, o senhor deve ter um quarto prus seus livros. O senhor é doutor, tem que ter livros. Uma boa cozinha com toda a linha Arno.* Isso é uma coisa que nos anos 50 se falava muito; da linha Arno. Eu até não devia fazer propaganda da Arno. Então, tinha batedor (batedeira?), toda uma série desses instrumentos, primeiros técnicos (eletrodomésticos?) de cozinha.

O senhor deve ter um chuveirinho elétrico; toma seu banho morno. Tem uma sala boa pra comer. Os meninos têm comida, têm leite, têm roupa, têm médico. Basta dar um espirro; sua mulher chama o doutor; o doutor vai lá; o tal pediatre; examina os meninos e dá o remédio.

Quando o senhor chega de noitinha em casa, o último banho já foi tomado. Eles tomam a sopinha deles e toma a benção pai e vai tudo dormir direitinho, depois que brinca. E o senhor fica sozinho com sua mulher; vê um cineminha se quiser; vai a um cinema; visita um amigo; volta pra casa mais tarde.

O senhor dorme bem. Deve ter ventilador, no mínimo.

Se o senhor não tiver diálogo com seus meninos, o senhor não merece respeito nenhum.

Agora, como é que nós moramos? Numa casa que tem um quarto só, que é tudo: é banheiro, é sala, é quarto de dormir, é tudo, com os cachorros misturados.

Quando nós chegamos em casa, 8 horas da noite, 7 horas da noite, os meninos estão endiabrados porque não comeram bem. Tão sujos; não tem água pra tomar banho, porque a gente não tem chuveiro elétrico; a gente não tem água assim solta em casa... os meninos tão com fome, chateados, cansados, aborrecidos e impertinentes, e nós não podemos deixar de dormir porque no dia seguinte, às quatro horas da manhã, a fábrica apita pra acordar o bairro inteiro. E é isso mesmo, as fábricas despertam a cidade, não é apenas o seu operariado. E aí, dizia ele: Agora, como é que o senhor vai querer que numa situação como essa, a gente tenha o diálogo que o senhor quer?... O homem fez, naquela noite, uma análise de classe que eu não tinha sido capaz de fazer. Lá, naquele momento, comecei a aprender com a classe trabalhadora o que significava ser uma consciência dependente, uma consciência política dependente. Todo o problema da alienação cultural, individual, foi ficando claro para mim, na minha primeira fase de trabalho.

Em legenda: AS QUARENTA HORAS DE ANGICOS

Locutor: Em Angicos, uma pequena cidade no sertão do Rio Grande do Norte, a beira da antiga estrada de ferro, começaram uma revolução. É uma revolução de verdade, séria, bem organizada. Sua primeira fase durou apenas 40 horas. É uma pequena revolução cristã. O alvorecer de uma autêntica reforma de base que está repercutindo em todo o Brasil e que, possivelmente, logo envolverá o país inteiro.

Quinze universitários chegam a Angicos para tirar do escuro aquela gente. Voluntários sacrificaram as férias e o conforto de Natal para começar o processo revolucionário da educação. Vieram ao sertão para ajudar a salvar o Brasil com honestidade.

Convocaram os alunos e explicaram que é possível ler e escrever com apenas quarenta horas de aula e sem cartilha.

Integraram-se no grupo, ouviram os seus problemas, recolheram um vocabulário básico da região, instalaram as salas de aula nas casas maiores; trouxeram cadernos, lápis, lampiões de querosene e também ânimo e a verdadeira esperança.

Em Angicos, no Rio Grande do Norte, trezentos trabalhadores foram alfabetizados em quarenta horas. Esta experiência tornou o nome de Paulo Freire conhecido em todo Brasil; os resultados positivos do trabalho desenvolvido pelo educador repercutiram em Brasília. E em 1963, Paulo de Tarso convida Paulo Freire para coordenar o Plano Nacional de Alfabetização.

Dos setenta e seis milhões de habitantes do Brasil, naquela época, mais de dezessete milhões eram analfabetos.

Paulo de Tarso (ex-ministro da educação, no governo João Goulart): Em 1963, eu que era então Deputado Federal, fui convidado pelo presidente João Goulart para assumir o Ministério da Educação. Ao aceitar o convite, a minha primeira preocupação foi com a composição do núcleo central que assessoraria o Ministro. Como parte dessa iniciativa, telefonei ao professor Paulo Freire que se encontrava em Recife.

Devo dizer que já conhecia sua experiência realizada em Angicos, e que teve repercussão nacional.

O professor Paulo Freire veio a Brasília e, na conversa que teve comigo, inclusive interrogou-me sobre se era pra valer o convite. Essa advertência é hoje conhecida porque ele a repete sempre. E eu disse que sim, era pra valer. Ele disse: *Então, eu aceito o convite, Ministro.*

Locutor: O Plano de Alfabetização do governo João Goulart pretendia erradicar o analfabetismo do país. Seus primeiros passos foram dados com sucesso em Brasília.

Os setores conservadores, porém, o atacaram rudemente, chamando-o de instrumento perigoso do credo vermelho.

José Carlos Barreto (educador): Toda educação é um ato político. Não existe educação neutra. Quando se faz educação, se faz educação a favor de alguém, e, numa sociedade de classe, fazer a favor de alguém, significa também fazer contra alguém. Por exemplo, quando se faz uma educação desveladora da realidade – que mostra o que está oculto nesta realidade – se está fazendo uma educação que ajude a transformação do real, da realidade. Ora, isto favorece àqueles que estão sendo oprimidos por essa realidade. A estes interessa transformar essa realidade, mas, ao mesmo tempo, essa educação desveladora da realidade, não favorece àqueles que se beneficiam com a realidade; que não têm nenhum interesse em que essa realidade se

transforme. Portanto, o educador não pode fugir da alternativa, ou ele trabalha a favor da transformação da realidade ou a favor da manutenção da realidade. E, não podendo fugir desta dupla alternativa, ele estará fazendo sempre uma educação política a favor de alguém e contra alguém.

Locutor: Os ataques ao trabalho de Paulo Freire estavam associados ao medo que os militares e os setores conservadores da sociedade tinham das mudanças estruturais anunciadas pelo presidente Goulart.

Muitos intelectuais estavam engajados em projetos que estimulassem a participação popular para mudanças estruturais da sociedade.

Em 31 de março de 1964, os militares, através de um golpe de Estado, depuseram o presidente João Goulart. O golpe teve o apoio dos EUA, de amplos setores da classe média e do empresariado.

Na visão dos militares, estava garantida a paz no país. Começaram, então, as perseguições e prisões de pessoas ligadas ou suspeitas de participarem de atividades subversivas, pelo exército.

Um dos primeiros atos dos militares foi o de revogar o decreto que instituía o Plano Nacional de Alfabetização do Ministério da Educação.

Vários intelectuais foram presos. Entre eles Paulo Freire, que ficou detido durante 70 dias.

Paulo Freire: Lembro-me, por exemplo, de quando fui preso pela primeira vez e tive que atravessar uma rua. Estava parado em frente ao quartel onde seria detido. Estava vendo o tráfego pra cá e pra lá, parado com o sargento. Havia um sargento e um soldado, cada um com uma metralhadora em cima de mim. Eu ficava espantadíssimo! Eu dizia – esse pessoal deve saber coisas de mim que eu não sei. Esse pessoal deve ter informações de que sou um líder extraordinário e de que deveria ter feito a revolução anteontem nesse país; ou são loucos, loucos varridos. Um cara como eu, um professor humilde e simples, precisava de um aparato daquele em cima de si? Era muito fuzil prum cara só! Lembro-me que parado assim, cercado de bala por todos os lados, eu era a ilha das balas. Você já imaginou? Que coisa ridícula! Profundamente ridícula!

As pessoas que passavam dentro dos ônibus e me reconheciam – uma cidade pequena – olhavam com cara de pânico e espanto; e eu ficava assim (simula estar envergonhado, desconcertado)...

Você sabe o que me tomava? É que a minha compreensão de ser preso tinha que ver com assassinato, estelionato, roubo, essas coisas... Então, eu não podia me conceber preso. Na minha posição!... Um cara decente, um cara sério, professor...

Não batia em mulher e se batesse não seria preso por isso... Era preso por causa da alfabetização, mas não porque bateu na mulher... Era muito mais fácil ter sido preso por causa do babebibobu crítico do que por bater na minha mulher. Bate e fica solto.

Depois, dentro da cadeia, refleti e disse - Puxa! Meu espanto da prisão era de classe social; encontrei camponeses presos que não tinham espanto nenhum, nenhum. Porque prisão pra ele é óbvio; faz parte da vida de espoliado que ele tem.

Aprendi muito. Não cabe aqui fazer a descrição dos meus aprendizados, mas aprendi muito. Até diria a vocês que foi este aprendizado da cadeia que, em muitos aspectos, me preparou para a vida fora do Brasil. O exílio, em muitos sentidos, forjou-se na cadeia.

Locutor: Para escapar da perseguição dos militares que fecharam todas as portas à continuidade de seu trabalho aqui no Brasil, Paulo Freire parte para o exílio. Em território chileno, ele escreveu Pedagogia do Oprimido, seu livro mais conhecido, editado em mais de vinte idiomas. Lecionou, durante um ano, na Universidade de Harvard, e trabalhou durante um ano no Departamento de Educação do Conselho Mundial de Igrejas, na Suíça, à convite da entidade.

Por intermédio do Conselho, Paulo vai à África. Uma das experiências mais emocionantes vividas pelo educador está registrada no livro Cartas à Guiné-Bissau, que retrata o trabalho de alfabetização realizado por ele naquele país.

Paulo Freire: Fui pra Bolívia. Lá houve um golpe de Estado. De lá fui para o Chile. Fui sem Elza e sem os meninos. Passei um tempo duro (período difícil).

Uma vez levei mais de dois meses sem correspondência da Elza. Ela punha carta no correio e não chegavam; as minhas não chegavam... uma malvadez desnecessária... Às vezes, acho que o sujeito tem uma malvadezinha necessária pra fazer, mas há umas desnecessárias.

Começo a aprender, no exílio, em primeiro lugar, a conviver fora do meu país.

Sempre pensei, que diante de um certo problema, uma certa situação, o que você tem que fazer é aprender com as positivities e as negatividades da situação.

Sempre recusei choramingar, sempre recusei lamentar-me, sempre recusei ter pena de mim; não vergonha de minha dor. Mas ter pena de minha dor, ter pena de mim porque me dói a vida, nunca, não aceitei.

Na morte de Elza, jamais aceitei dez minutos de pena de mim, nem raiva porque ela morreu, mas sofria pra burro isso!

Procurei sempre aprender do sofrimento, aprender do gozo, aprender de tudo.

O exílio foi uma das grandes oportunidades de aprendizado pra mim. As diferenças culturais, por exemplo; a forma de andar, a forma de dizer bom dia, o gosto de comida; como tudo isso é cultura. E você tem, de um lado, que cultivar isso, mas, de outro, você tem de superar certas exigências maiores da sua cultura.

No Chile, eu recém-chegado, um dia saio com um companheiro chileno e ponho a mão sobre o seu ombro – bem ao meu jeito – ele se sente mal e faz assim, dá um trejeito no corpo, olha pra mim e diz: *Paulo, no Chile, um homem não põe a mão no ombro do outro homem*. Eu disse muito obrigado, eu não sabia tudo, mas eu te agradeço.

Mais tarde, quando tomei meu ônibus, pensei no ocorrido e dizia a mim mesmo – falta alguma coisa a uma cultura que rejeita um gesto afetivo. Anos depois, vou à África pela primeira vez, dar um curso na Universidade de Darh El Salaan, na Tanzânia. Fico maravilhado porque, ao chegar, encontro um campus de universidade cheio de mangueiras, cheio de cajueiros... Tudo florando, com perfume.

No intervalo da primeira aula, saio passeando no campus com um professor tanzaniano que estava no curso. De repente, ele agarra a minha mão e faz assim (Paulo Freire exemplifica com o gesto de mãos dadas)... e fica balançando assim, no jardim... e eu feito doido com aquilo. E digo, meu Deus do céu, se um recifense passar por aqui agora vai dizer que Paulo se degenerou completamente...

Eu não concordaria com essa análise, mas afinal de contas, eu estranho. Lá dentro de mim tava tendo aquela resposta macha – como é que homem pega a mão de outro homem!... Mais adiante, tenho a impressão de que ele quis tirar o cigarro... soltou a minha mão... meti as duas nos bolsos para não dar mais chance de ele pegá-las novamente. Em casa disse: – É, realmente, há alguma coisa errada na minha cultura que não permite um gesto afetivo.

Vocês não imaginam o quanto aprendi no segundo momento dessa experiência do corpo, do toque do corpo e aí eu me curei.

Dois ou três anos depois, fui à Índia e passei mal, quase morro com uma infecção provocada por um inseto – quarenta, quarenta e dois graus de febre – assistência

médica diária, com enfermeira dentro do meu quarto o dia inteiro, vinte e quatro horas... um negócio muito sério. Lembro-me que um médico indiano pegava a minha mão, alisava a minha mão e dizia: *Doctor Freire, não se preocupe, vou deixar você vivo de novo. Bem com a saúde.* Alisava a minha mão e eu não senti nada mais, estava completamente curado...

Tive no exílio, antes do exílio e depois do exílio, uma experiência de vida de casa, uma experiência do chamado lar, muito harmoniosa nas contradições.

Acho que é outra mentira que um casal diga que vive oito anos, seis anos juntos e nunca divirja; esses caras são santos... também não devem fazer amor porque são anjos. Sem fazer amor acho que não dá... Como eu não sou anjo e Elza não era, a gente divergia.

Quarenta e dois anos a gente viveu fundando uma vida de amor sem hiatos, mas com, às vezes, tristeza, com mágoas – possivelmente dela, não minhas. Às vezes, quase sentia, depois da morte de Elza, certos momentos de culpa que eu preferi não ter porque não tinha porquê, pois, afinal de contas, vivemos bravamente; os dois criando um mundo de alegria, juntamente com os filhos que nós trouxemos pro mundo. Sempre digo que trouxemos pro mundo os filhos que puderam chegar, porque houve outros que se atrapalharam no caminho e não chegaram. Trouxemos cinco pro mundo: três mulheres e dois homens; resultado de lindos atos de amor! Nenhuma filha minha, nenhum filho meu e de Elza veio ao mundo por acaso. Veio ao mundo depois de uma enorme noite de amor!

Nós soubemos amar. Nós amamos com coragem! Nunca aceitamos a burocratização do sexo nosso – de fazer amor de segundas e quartas feiras, às dez horas da noite; no dia que comer feijoada, não pode fazer amor – nada disso, amor nunca matou ninguém na história, pelo contrário, recria a gente, refaz a gente, amacia a gente, sem tirar da gente a força da briga, a força da coragem.

É preciso deixar claro de que falei muito eu, eu, eu, no fundo, era nós, nós, nós. Sem Elza, no exílio, dificilmente, eu poderia estar falando como falo hoje, Elza foi a força ou uma das grandes forças que tive mesmo no tempo da cadeia.

Trabalhei enormemente no exílio. Por isso, pude me preocupar com o Brasil. Outra coisa que o exílio me deu foi a possibilidade de andarilhar pelo mundo e, portanto, confrontar-me com outras culturas, as mais diferentes.

Por exemplo, uma emoção enorme que sempre tive foi conhecer uma cultura distante da minha e me ver lá, estudado e aplicado. Lembro-me, por exemplo, de uma semana

que passei na Índia com um grupo de vinte e cinco educadores de diferentes estados da Índia, que tinham estudado, durante meses, meus livros e estavam aplicando em seus países, em diferentes áreas: trabalho com camponês, trabalho com operários urbanos, trabalho em universidades.

Durante os oito dias de reunião, discutíamos suas práticas fundamentadas por meus livros. Podem imaginar o que isso significa para um autor...

Locutor: Já não havia mais fronteiras para a pedagogia de Paulo Freire. As idéias do educador atraíam a atenção de todo o mundo.

Na igreja começava-se a ouvir sobre a Teologia da Libertação que tinha muita semelhança com os conceitos levantados pelo trabalho de Paulo Freire.

Ana Flora Anderson (evangelizadora – comunidade de base / SP): O método do Paulo Freire, a sua pedagogia, tem influenciado muito no trabalho de igrejas, nas comunidades de base, nas escolas de ministérios.

Acho que a inspiração de Paulo e a inspiração dos teólogos da libertação têm a mesma raiz – é o respeito pela vida do povo. Paulo vê toda a educação nascendo da vida, das lutas, da experiência do povo. A Teologia da Libertação vê exatamente a mesma coisa. Toda a teologia é resposta a perguntas e a teologia depende de quem vai fazer essas perguntas. Na Teologia da Libertação, nós temos tentado usar o próprio método de Paulo, deixar o povo fazer a sua descoberta e, descobrindo a vida, encontrar a sua experiência da libertação total.

Locutor: A prática pedagógica de Paulo Freire é baseada em experiências adquiridas junto ao povo. Na opinião do educador, não é possível se realizar um bom trabalho sem que as pessoas envolvidas tenham uma participação ativa.

Madalena Freire (educadora): O papel do educador, a meu ver, o papel do professor dentro dessa concepção da educação, desta pedagogia tem, a meu ver, três ingredientes básicos: este educador, este professor é um leitor da realidade do educando, dessa realidade em que ele, juntamente com o educando está inserido. Ele é um leitor que pratica instrumentos metodológicos sistematicamente no seu dia-a-dia, no seu cotidiano, instrumentos metodológicos estes como a observação da realidade.

Para olhar a realidade ele tem que ter uma reflexão constante, permanente, que o leve sempre à teoria. Há uma avaliação e há um planejamento cotidianos da sua prática pedagógica. É, a partir dessa observação, dessa leitura da realidade que ele fundamenta sua intervenção pedagógica e esta, por sua vez, alicerça o ato de conhecer, o ato de aprender.

Celso Beisegel (educador): Enquanto autor de uma proposta pedagógica global, o Paulo Freire tem e, seguramente, continuará tendo uma importância muito grande no desenvolvimento dos estudos das mais diferentes disciplinas da educação. A partir do estudo das propostas de Paulo Freire, é possível enriquecer os conteúdos de disciplinas como currículos e programas, avaliação educacional, didática. Paulo Freire, seguramente terá importância no desenvolvimento dos estudos das mais diferentes disciplinas da área da educação.

Locutor: A projeção internacional do educador não sensibilizara o governo militar brasileiro. O processo que o acusava de subversão tinha sido arquivado em junho de 1968, mesmo assim, somente no final de 1979, com o então chamado processo de abertura, Paulo Freire regressa ao seu país. Recebe, então, o carinho do povo e de toda a sua família.

Em 1986, um triste golpe atinge a vida do educador: a morte de Elza Freire, sua companheira.

Paulo Freire: É óbvio que, quando morre a pessoa que se amou, morre com ela um bando de coisas, inclusive a vontade de viver.

Só hoje me sinto disponível a escrever e a dar aula. Só agora. Não tenho dúvida nenhuma de que isso só está ocorrendo por causa de Nita. Nita, então, é outra mulher. E vocês devem dizer: - puxa, pra ti, então, é difícil viver sem mulher? – É impossível, não é difícil, é impossível. O problema meu é saber que mulher é... quem é ela.

Então, eu descubro Nita, de quem era o orientador de tese. Ela fazia uma tese linda comigo e, um dia, descobri que a Nita era mais ou podia ser mais do que vinha sendo: uma grande amiga nossa, uma grande amiga de Elza, uma ex-aluna minha quando menina (tinha quatorze anos).

Então, enamoro-me de Nita e, ao enamorar-me, me reenamoro do mundo; Nita me traz o mundo de novo.

No momento, eu diria a vocês, que minha vida deve enormemente a Elza e, no momento do silêncio de Elza, minha vida começou a dever enormemente à palavra de Nita.

Nita: Amar pela Segunda vez, amar depois de uma certa idade tem sido difícil. Mais difícil que amar tem sido proclamar esse amor. Para mim e Paulo tem sido muito fácil amar e proclamar esse amor. Tem sido muito fácil pela capacidade que Paulo tem de dialogar, de falar todos os dias e falar sobre todas as coisas. Paulo faz filosofia sobre o amar, conversando comigo sobre o prazer, sobre o gozo, sobre o orgasmo... Mas Paulo fala também sobre todas as coisas simples; chega em casa e conta que o trânsito foi assim, que a aula foi assim, encontrei tais pessoas, vi as flores; a cidade tava difícil, eu me cansei... e sobre essas coisas simples do cotidiano. Então fica muito fácil porque eu vivo com um homem que tem uma sensibilidade, que tem um cuidado, que tem uma sensualidade que vai tornando a gente, dia-a-dia, mais viva através do diálogo.

Locutor: A importância do trabalho de Paulo Freire é um fato reconhecido internacionalmente. A sua pedagogia é aplicada em inúmeros países. Apesar da dimensão de seu trabalho, Paulo Freire em nenhum momento esqueceu-se de suas raízes nordestinas e do compromisso de fazer de sua pedagogia um instrumento na defesa e na libertação dos oprimidos, onde quer que eles estejam.

Paulo Freire: Eu sou um intelectual que não tem medo de ser amoroso. Amo as gentes e amo o mundo. E é porque amo as pessoas e amo o mundo que eu brigo para que a justiça social se implante antes da caridade.

Uma produção: **VEREDA – CENTRO DE ESTUDOS EM EDUCAÇÃO**

Ficha Técnica:

Produção

Sueli Takejame

Suely Rangel

Produção executiva

José Carlos Barreto

Edição

Omar Pereira

Assistente de Edição

Flávio Queiroz

Roteiro

Rosa M. Omine

Colaboração

Maurício Gonçalves

Direção

Paulo Santiago

Outubro/Novembro/88